

ATÉ QUE PONTO VAI A NÃO-BINARIEDADE? UMA REFLEXÃO SOBRE RAFA DA SÉRIE “TODXS NÓS”

Giulian Pereira de Sales¹

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão afetiva sobre a personagem Rafa na série “Todxs Nós”. Como uma das primeiras pessoas não-binárias a ter protagonismo em séries de televisão, Rafa articula uma série de afetos e discussões em torno da sua modalidade de gênero. Compreendendo o papel midiático da mídia, a reflexão de Florence Ashley sobre modalidade de gênero e as articulações e caminhos da personagem ao longo da trama midiática, Rafa tensiona o espaço cisheteronormativo, trazendo para as pessoas espectadoras debates em torno dos limites impostos pela sociedade. Entretanto, como uma pessoa não-binária, a autora deste artigo articula afetos pessoais em relação à construção da trama, que elabora o gênero de Rafa sem complexidade, levando da não-binariedade até a binariedade de gênero em apenas um episódio, levantando a pergunta: qual é o limite da não-binariedade e porque ela não é compreendida como um gênero completo?

Palavras-chave: Não-binariedade, Modalidade de gênero, Cisheteronormatividade, Mídia, Todxs Nós.

1 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais. Mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto – MG. giupsales@gmail.com

INTRODUÇÃO

A vigilância binária dos gêneros produz uma série de violências. Ao limitar as possibilidades de existência apenas entre “homens” e “mulheres”, a sociedade cisheteronormativa estabelece uma série de valores, expectativas de comportamentos e cerceamentos diante dos corpos. Nela, diferentes rituais – como o “chá revelação” – e instituições – como a mídia – servem como aliados para essa vigilância, tudo com o objetivo de promover aos corpos um processo de masculinização ou feminização, antes mesmo do nascimento (LOURO, 2008). Neste sentido, a modalidade de gênero não-binário se coloca em um “não-lugar” dentro da cisheteronormatividade, sem ter respaldo nem sequer na língua (RUIZ, 2021). Senti esse apagamento na pele até 2021, ano em que consegui nomear a minha não-binariedade.

Encontrar-me enquanto uma pessoa não-binária foi um processo de libertação, depois de 31 anos sofrendo com momentos de ansiedade e incompreensões diante das frustrações em não corresponder às expectativas sociais, pude visualizar a importância de romper com essas normas para tornar-me viva. Na minha experiência, as redes sociais foram essenciais, pois foi neste espaço que pude ser afetada pelo termo e por toda a complexidade que envolve essa modalidade de gênero (SALES, 2022). Essa experiência me leva concordar com Rosa Maria Fisher (2022) e o papel pedagógico da mídia:

Fundamentada no conceito de “dispositivo da sexualidade” de Foucault (1990a, p. 100), descrevo o dispositivo pedagógico da mídia como um aparato discursivo (já que nele se produzem saberes, discursos) e ao mesmo tempo não discursivo (uma vez que está em jogo nesse aparato uma complexa trama de práticas, de produzir, veicular e consumir TV, rádio, revistas, jornais, numa determinada sociedade e num certo cenário social e político), a partir do qual haveria uma incitação ao discurso sobre “si mesmo”, à revelação permanente de si; tais práticas vêm acompanhadas de uma produção e veiculação de saberes sobre os próprios sujeitos e seus modos confessados e aprendidos de ser e estar na cultura em que vivem. Certamente, há de se considerar ainda o simultâneo reforço de controles e igualmente de resistências, em acordo com determinadas estratégias de poder e saber, e que estão vivos, insistentemente presentes nesses processos de publicização da vida privada e de pedagogização midiática (FISCHER, 2022, p.155).

Compreendendo a televisão como um espaço de valor pedagógico e de disputa de poderes, virei meus olhares para ela em busca de produções brasileiras

com personagens não-binárias. As produções midiáticas são um espaço de referência para pessoas queer, principalmente as crianças, que começam a perceber seus interesses, sexualidade e constroem sua subjetividade a partir do que é apresentado à ela pelo mundo. Neste sentido, a presença de personagens LGBTI+ em séries e novelas ajudam a criar a possibilidade de identificação (LOPES, 2004), estimulando a autocompreensão. No meu processo, muitas dores seriam poupadas se tivesse sido apresentada ao termo “não-binariedade” ainda criança. É importante ressaltar que a minha não-binariedade não surgiu a partir do encontro com o termo, ela sempre esteve comigo. Ou seja, a presença de personagens e pessoas LGBTI+ dentro da mídia não é um estímulo para novas vivências LGBTI+, mas de apresentar que existem outras possibilidades de viver sem ser aquelas estimuladas e incentivadas pela cisheteronormatividade.

Foi em minhas pesquisas que encontrei a série “Todxs Nós”, a primeira que trouxe uma personagem não-binária como protagonista em produções brasileiras. Transmitida entre os dias 22 de março a 10 de maio de 2020, a série foi uma produção original da HBO contando com episódios lançados semanalmente. A comédia dramática narra a história de Rafa, vivida por Clara Gallo, que é expulsa de casa pelo pai e vai em busca de abrigo e companhia na casa de Vini, vivido Kelner Macêdo, primo homossexual de Rafa que vive na capital do Estado de São Paulo. Esse encontro é o ponto de partida para uma série de atravessamentos e explicações enquanto a vivência de uma pessoa não-binária. Ao longo dos oito episódios, Rafa passa por experiências amorosas, violências, discussões e autopercepção.

O protagonismo de Rafa foi o motivo que me fez escolher a série “Todxs Nós” como um dos objetos de análise para o meu projeto de doutorado. A intenção da análise era compreender como a série apresenta a não-binariedade em sua trama, analisando as complexidades da personagem e seus relacionamentos interpessoais. Para esse artigo, porém, me debruço sobre a importância da representação não-binária dentro da série e as afetações provocadas por Rafa em mim.

MODALIDADE DE GÊNERO

Compreender a não-binariedade me levou por diferentes caminhos. Enquanto algumas pessoas não-binárias se identificam como trans, outras não querem ocupar este espaço. Concordando com Letícia Nascimento (2021), entendo neste conflito uma percepção ainda colonial da produção de nossos gêneros, a qual é baseada em uma lógica bioessencialista para definir padrões exclusivamente binários na correspondência entre sexo — “biológico” — e gênero — cultural. Baseada no princípio colonialista, cria-se uma dicotomia entre cis e trans, na qual

o primeiro é compreendido como “natural” e “orgânico” aos seres humanos. A falta da existência de uma palavra para abranger pessoas trans e cis criou uma lacuna e, essa ausência, aumenta a dificuldade de debater sobre as experiências de gênero de pessoas intersexuais e não binárias, que não se consideram trans (ASHLEY, 2022). Nesta lacuna, Florence Ashley propõe o termo “mobilidade de gênero”:

A modalidade de gênero refere-se à forma como a pessoa relaciona sua identidade de gênero com o gênero atribuído à ela ao nascer. É uma categoria aberta que inclui pessoas trans e cis, acolhe a elaboração de termos adicionais que abordem as diversas experiências que as pessoas podem ter em relação à relação da sua identidade de gênero e o gênero atribuído ao nascer: o binário cis-trans é questionado por pessoas não-binárias — especialmente as pessoas agênero — algumas pessoas intersexuais, algumas pessoas jovens criativas com seus gêneros e algumas pessoas que foram criadas totalmente neutra em relação ao seu gênero. Também cria um espaço de reflexão em como gênero é culturalmente situado, e como os termos “trans” e “cis” não refletem o entendimento de gênero de todas as sociedades (ASHLEY, 2022, p. 1, tradução própria).

Para Florence, as nuances do gênero — relação entre identidade de gênero e gênero atribuído ao nascer — são muito difíceis de serem captadas de forma restrita entre a correspondência integral e a total incompatibilidade. Existem diferentes experiências e maneiras de existir dentro desse aspecto, o que amplia o debate do que é gênero e de como a sua construção é um reflexo social: “Modalidade de gênero é sobre modalidades de gênero, sobre diferentes maneiras de ser nosso gênero que não altera sua essência fundamental” (ASHLEY, 2022, p.2). Neste sentido, mesmo que uma pessoa cis ou trans tenham diferença entre a sua modalidade de gênero, elas podem compartilhar a mesma identidade de gênero.

Trazer a discussão de modalidade de gênero para esse artigo é importante, pois na série “Todxs Nós”, Rafa faz uma transição. No primeiro episódio, ele se apresenta como uma pessoa não-binária, pedindo para que seu primo e amigos utilizem o pronome neutro para se referir-se a ele. No último capítulo, porém, Rafa pede para que seu primo o chame pelo pronome masculino, declarando-se um homem trans. Embora o processo de transição não seja evidenciado nos capítulos e eu tenha sido pega de surpresa por essa revelação, compreender a modalidade de gênero permite localizar que a não-binariedade não é um movimento de transição, mas uma categoria de gênero definida.

COMPREENDENDO A NÃO-BINARIEDADE

Ao entendermos que a não-binariedade é uma modalidade de gênero, é importante resgatarmos alguns aspectos da construção binária da sociedade, a fim de avançarmos no entendimento do que é declarar-se uma pessoa não-binária dentro do Cistema (NASCIMENTO, 2021). A perspectiva da Teoria Queer é importante para entender gênero como algo cultural, desta forma, a divisão binária imposta na sociedade moderna é um reflexo dos interesses políticos, sociais e culturais que correspondem a esse momento histórico: “No fundo, o gênero é relacionado a normas e convenções culturais que variam no tempo e de sociedade para sociedade (MISKOLCI, 2012, p. 31). Assim são estabelecidos padrões de comportamento, são condicionadas formas de pensar e agir, cerceando aquilo que é considerado “normal” e “natural”:

Fui ao banheiro e havia uma fila inacreditável de mulheres para entrarem no banheiro feminino, não tinha quase ninguém para entrar no banheiro masculino. Parem para pensar em como essa distinção arquitetônica nos obriga a descobrir toda hora o nosso gênero e a nossa sexualidade. Na hora de lidar com tudo de mais íntimo somos levados a nos separar em duas filas, duas portas, dois compartimentos arquiteturais. O banheiro público, como a escola, é uma tecnologia de gênero que merece ser repensada. Divisões arquitetônicas são algumas das formas que a sociedade encontra de colocar cada um no seu quadrado e, sobretudo, no caso do banheiro, no seu lugar dentro do binário masculino e feminino. (MISKOLCI, 2012, p. 38).

A construção de uma sociedade que universaliza a cisheteronormatividade como positiva, cria a noção de uma sexualidade ideal, a qual é explorada por Gayle Rubin seu livro “Políticas do Sexo”: “a sexualidade “boa”, “normal” e “natural” será a heterossexual, marital, monogâmica, reprodutiva e não-comercial” (RUBIN, 2017, p. 15). A heterossexualidade é reconhecida, portanto, como a experiência humana na Terra, ocupando o imaginário social como a única possível. Romper-se com essa construção de gênero e sexo, significa estar agindo de forma contrária às instituições — família, igreja, Estado — e, por este motivo, pessoas homossexuais foram perseguidas e presas — e ainda o são — em diferentes locais do mundo (RUBIN, 2017). Para Neilton dos Reis e Raquel Pinho (2016) existem diferentes exemplos de como o binarismo de gênero é uma normalização compulsória, como a experiência intersex: “nesta perspectiva, estão também todos os gêneros não-binários que, além de transgredirem à imposição social dada no nascimento, ultrapassam

os pólos e se fixam ou fluem em diversos pontos da linha que os liga” (DOS REIS; PINHO, 2016, p. 14).

Tendo o gênero e a sexualidade como “dados”, os corpos são retorcidos por uma série de afetações que estimulam em sua subjetividade a construção compulsória de um gênero binário e uma heterossexualidade imposta. Compreender que nossos corpos não são naturalmente generificados, mas que existe um processo cultural por trás de toda essa construção é essencial para pensarmos em rupturas e brechas nessa sociedade cisheteronormativa (NASCIMENTO, 2021). Existir fora dessas normas, porém, “implica em uma maior vulnerabilidade a violência física, menos acesso a direitos e garantias, assim como a invalidação de sua afetividade e subjetividade” (RUIZ, 2021, p. 2). A não-binariedade localiza-se dentro dessa ruptura, é um verdadeiro termo guarda-chuva para uma série de modalidades de gênero:

Para discutir o não binarismo de gênero é importante ter em mente que se trata de um grupo que tenciona muitos significados, os quais não se encontram plenamente consolidados nem sequer para os próprios membros da comunidade (LGTQIAP+). Mesmo assim, isso não invalida o surgimento dessas identidades que ao buscar evadir os dois pólos de gênero estabelecidos pela cisnormatividade, produzem inúmeras expressões que tenciona as relações sexuais e de gênero (RUIZ, 2021, p. 07).

O gênero não-binário rompe com a imposição social dada ao nascimento, ultrapassando os limites do masculino e feminino, fluindo e se distanciando deles simultaneamente. Conforme apontam Neilton dos Reis e Raquel Pinho (2016), as pessoas não-binárias “não são exclusiva e totalmente mulher ou exclusiva e totalmente homem” (p.14), sendo assim, elas permeiam na “neutralidade, ambiguidade, multiplicidade, parcialidade, ageneridade, outrogeneridade, fluidez em suas identificações” (p. 14). Existem diferentes identificações não-binárias: bigênero, agênero, demigênero, pangênero e gênero fluído são alguns exemplos. Algumas pessoas optam por apenas se identificarem como não-binárias, não precisando definir-se em uma dessas categorias citadas anteriormente. Retorno aqui em Guacira Lopes Louro (2008) para mostrar que as pessoas LGBTI+ exercem nesse sentido um importante papel, pois eles evidenciam outras possibilidades de experimentar o mundo, ampliando as possibilidades de viver: “indicam que o processo de se “fazer” como sujeito pode ser experimentado com intensidade e prazer” (p. 23). Ao ver “Todxs Nós”, pude confortar-me com essa sensação de prazer advinda de Rafa, que estava plenamente experimentando o seu gênero entre a violência sofrida pelo pai, no abrigo recebido pelo primo – mesmo que contra a

vontade deste — e nas relações interpessoais estabelecidas a partir de sua modalidade de gênero e plenitude enquanto pessoa.

PROTAGONISMO DE RAFA

Em seu livro “A cultura da mídia: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno”, Douglas Kellner (2021) concorda com Rosa Maria Fisher (2022) sobre o papel pedagógico desempenhado pela mídia, que é capaz de ditar caminhos possíveis para a sociedade ao sugerir maneiras de agir, pensar e se articular no mundo. Ao compreender a mídia como uma série de produções complexas, sendo carregadas de discursos políticos e sociais, ela acaba por construir “o senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de ‘nós’ e ‘eles’” (KELLNER, 2001, p. 9). Os signos e símbolos exibidos pelas séries de televisão, portanto, conseguem articular lógicas em torno do “bom” ou “ruim”, do “positivo” ou “negativo”, do “moral” ou do “imoral” mediante os valores da sociedade. Estipulando uma construção do *outro* em relação ao homem cisgênero, heterossexual e branco.

Concordando com Tomaz Tadeu da Silva (2012), compreendo que a identidade está associada a uma forte separação entre “nós” e “eles”: “a identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações” (SILVA, 2012, p.82). O protagonismo de Rafa, interpretado por uma pessoa não-binária, Clara Gallo, é uma marca de uma diferença. Um gesto simbólico para dentro do campo midiático, marcado por disputas de espaços e visibilidades. Se a televisão ajuda na construção das percepções sociais e culturais, ter uma personagem que não se identifica com a cisheteronormatividade gera questionamentos e possibilidades. Encontrar Rafa como protagonista de uma série, me gera identificação a partir do gênero e da sexualidade — tanto ele como eu somos pessoas não-binárias e pansexuais —, devido às nossas características de dissidência de gênero e desobediência sexual. Essa ligação entre mim e personagem, é estabelecida por um processo de significação, como aborda Tainan Tomazetti:

As diferenças são constituídas por processos de significação linguística/cultural que operam as classificações que relegados ao *outro*. Em outras palavras, as diferenças são produtos de criações simbólicas baseadas em redes de pertencimento ou não aos sistemas culturais que por nós são significados. Em um jogo de relações, a marcação das diferenças implica em operações de inclusão e exclusão nas quais se reafirmam as fronteiras daquilo *eu sou* e daquilo que *eu não sou*. Essas disjunções exprimem em si relação de poder, nas

quais um termo ou um grupo é comumente privilegiado em detrimento do seu *outro* (TOMAZETTI, 2018, p. 192).

Ao fixar-se uma determinada identidade de gênero como a norma, estabelece-se uma hierarquização social. Neste sentido, “normalizar significa eleger — arbitrariamente — uma identidade como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas” (SILVA, 2012, p. 83). A liderança de Rafa no elenco de “Todxs Nós”, portanto, não pode ser entendida como um caminho para “normalizar” a não-binariedade, mas para tencionar o que é compreendido como “natural” e “orgânico” na sociedade, criando a ruptura citada anteriormente. Para Lorenzo Benini (2009), ocupar esse espaço midiático é uma maneira de corpos dissidentes de gênero articularem suas existências no mundo:

Para esse sujeito, a aquisição de uma consciência reflexiva será uma ação política preliminar e necessária, realizando uma ontologia (transformadora) da própria atualidade: só tal consciência o habitará a estabelecer com os outros e consigo mesmo relações autênticas. No momento em que as minorias sexuais têm tomado a palavra contra padrões de normalidade do sistema binário sexual, esse repensamento adquire caráter de urgência também para quem for definido por esses padrões como maioria (BENINI, 2009, p. 38).

Recorro novamente a Kellner (2001), ao dizer que “as lutas concretas de cada sociedade são postas em cena nos textos da mídia, especialmente na mídia comercial da indústria cultural cujos textos devem repercutir as preocupações do povo” (p. 32). Por isso, a tensão dentro do campo midiático pode ser compreendida como uma reivindicação por pessoas que não se enxergam ou não são identificáveis com o que é apresentado em cena. A partir de então, torna-se necessário criar novos caminhos, contestando às produções que insistem em “reproduzir a neutralização, funcionalização e padronização dos corpos, suas sexualidades, seus desejos, enfim, suas performances interseccionais de gênero, raça e classe social” (TOMAZETTI, 2018, p. 196).

Entretanto, para além da importância do protagonismo de Rafa, é importante analisar como essa liderança funciona. A complexidade da personagem é fundamental para romper com os estereótipos marcados em um corpo dissidente de gênero, a fim, de fato, promover possibilidades para a identificação. Ao assistir “Todxs Nós”, fiquei feliz em poder encontrar uma pessoa não-binária em papel relevante em uma série nacional. Entretanto, busquei analisar a construção do texto e da história de Rafa ao longo dos capítulos, a fim de compreender a quem essa elaboração interessa: às pessoas não-binárias que poderiam se identificar com elu, ou às pessoas que ainda estão agarradas à lógica binária e procuram,

de alguma forma, enfraquecer o simbolismo de ter uma pessoa não-binária em protagonismo:

Qual a influência destas práticas representacionais, por sua vez, sobre as crenças e atitudes da sociedade em geral, no que concerne à pertinência das reivindicações das minorias por liberdade, democracia, justiça social e cidadania? Quais as estratégias mais efetivas para confrontar publicamente as representações *mainstream* perniciosas? Como se vê, são indagações que dizem respeito não só às estruturas e interpelações do conteúdo, mas também, às lógicas da produção (interesses econômicos, ideologias profissionais, rotinas laboratoriais, estratégias de comercialização), ao impacto e aos usos sociais das representações midiáticas (FILHO, 2005, p. 20).

Concordo com João Freire Filho (2005) ao pensar sobre a análise crítica da sub-representação ou da representação distorcida de identidades sociais, prática que se consolidou desde a década de 60. Neste sentido, o protagonismo de Rafa, embora seja relevante e simbólico, precisa ser analisado de forma ampla, pois é capaz de “afetar o modo como nós vemos e como somos vistos e tratados pelos outros” (FILHO, 2005, p. 20). As representações parciais ou seletivas, portanto, são arriscadas porque podem ser instrumentais para a cisheteronormatividade circunscrever maneiras como pessoas desobedientes de gênero e dissidentes sexuais afetam e são afetadas por outras pessoas. Os estereótipos, tornam-se, portanto, “construções simbólicas enviesadas, infensas à ponderação racional e resistentes à mudança social” (FILHO, 2005, p. 22). Se “Todxs Nós” não contempla a não-binariedade para outros ambientes de produção que seja para fora da cena — como a roteirização, direção, entre outros —, será que ela é capaz de, de fato, ser uma representação positiva? Esta foi a questão que me fez insistir em continuar os capítulos da série, trazendo afetação tamanha que me levou à produção deste artigo.

AFETOS CAUSADOS POR “TODXS NÓS”

Não acompanhei “Todxs Nós” na época do lançamento, em 2020, na HBO. Exibida semanalmente, tive acesso a todos os oito capítulos dentro do catálogo da plataforma de streaming Prime Video — da Amazon. Em 2023, a produção está indisponível para ser assistida, tendo sido retirada do catálogo da Prime. Embora tenha diferentes produções — como podcasts e entrevistas — sobre a série no canal de YouTube “HBO Brasil”, não há como assistir os capítulos por lá. A dificuldade de acessar o material — somada ao não retorno para uma segunda

temporada — apontam para uma recepção não tão positiva do público — em termos de audiência —, fazendo com que a série tenha sido interrompida. De fato, pelas histórias de todas as personagens envolvidas, não há uma conclusão, tampouco desfechos no último episódio da primeira temporada, indicando que a direção e roteiro imaginavam conseguir avançar na construção das personagens e suas histórias.

A série, porém, conseguiu chamar atenção em seu período de exibição. Junto com a produção, a HBO Brasil desenvolveu “O Guia Todxs Nós de Linguagem Inclusiva” como parte da campanha de relações públicas da série. A intenção era oferecer elementos para que o público pudesse compreender as questões tratadas nos capítulos, funcionando como uma espécie de “letramento LGBTQIAP+” para as pessoas que não são familiarizadas com os termos e as expressões utilizadas pela comunidade. O Guia foi desenvolvido com suporte da consultoria especializada em linguagem inclusiva Diversity BBOX e com apoio do professor de Jornalismo na USP, Eduardo Calbucci — doutor em Linguística pela FFLCH-USP. O produto foi premiado como “Melhor Iniciativa Em Diversidade” pelo CSR & Diversity Awards.

Acompanhei a série dois anos após a sua exibição. Pude visitá-la com ineditismo, pois não havia sido afetada pelas propagandas e notícias em torno da série no período em que estava sendo exibida. Neste sentido, os sentimentos, as emoções e as provocações causadas pela produção em mim, foram integralmente causadas por suas cenas, histórias, sons e diálogos. No primeiro episódio, Rafa foge do interior para a capital de São Paulo e aparece na porta do apartamento do seu primo, Vini. Apresenta-se com pronomes neutros e explica didaticamente para ele e para Maia (mulher preta com que Vini divide o apartamento) o que é não-binariedade, como ele se identifica e o conflito causado por essa identidade com o pai. A ida para São Paulo era uma maneira delu viver, de fato, a sua não-binariedade, assim como a sua pansexualidade. Esse movimento é parecido com o que é feito por muitas pessoas desobedientes de gênero e dissidentes sexuais, segundo o Dossiê Assassinatos e Violências contra Travesti e Transexuais Brasileiras em 2022, desenvolvido por Bruna G. Benevides, da Associação Nacional de Travestis e Transexuais:

Em suma, em relação a comunidade trans, as violências físicas e psicológicas, a exclusão familiar ou permanência em ambientes familiares tóxicos e/ou transfóbicos, o abuso físico ou sexual, o alto índice de rejeição no mercado formal de trabalho, a extrema violência em suas mais diversas nuances e formas, o racismo, o cissexismo, a ausência de esperança, o estresse de minorias, o transtorno de ansiedade generalizada, depressão, humilhação, baixa autoestima,

são alguns dos principais fatores que podem agravar a saúde mental de pessoas trans e levar ao suicídio, exatamente por serem contextos específicos em que apenas pessoas trans podem se deparar (BENEVIDES, 2023, p. 82).

A violência sofrida por Rafa levou-me a relembrar de momentos de tensão com meus familiares, principalmente por expressar abertamente a minha não conformidade com a cisheteronormatividade. Os recorrentes processos de saída do armário para os meus familiares me fez afastar de muitos parentes, buscando em mim mesma um abrigo de proteção para as micro agressões sofridas desde a infância. Embora meu relacionamento com meu pai e minha mãe seja positivo, o distanciamento físico — moramos em Estados diferentes — foi necessário para garantir a harmonia e a minha vivência enquanto pessoa não-binária. Ou seja, de imediato, a história de Rafa remeteu-me a cenários de dores similares, em intensidades diferentes.

O teor didático é marcado em todos os capítulos da série, sendo Rafa a pessoa responsável por atravessar todo esse processo de “ensinamento” que a produção busca promover para as pessoas que estão assistindo. É ele quem vai fazer as perguntas mais básicas em relação à não-binariedade, tendo o seu processo de autopercepção avançando com conversas bastante explicativas com outras personagens, principalmente com X, outra personagem não-binária na trama que tem um relacionamento amoroso com Rafa. Esse papel explicativo do roteiro caminha entre a superficialidade e o aprofundamento de vivências e experiências LGBTQIAP+. A construção do texto é liderada por pessoas cisgêneras, mas conta com uma importante colaboração de Alice Marcone — que chega a participar de episódios do podcast criado para tratar da série no canal da HBO Brasil.

Apesar de compreender a importância do papel didático e pedagógico, por meio de diálogos explicativos e bem detalhistas em relação às modalidades de gênero, este exercício me foi bastante cansativo enquanto telespectadora. Em todas essas situações, fui arremessada para as repetitivas — e exaustivas — conversas que tive (e tenho) com as pessoas cisgêneras que convivo. Independente de serem de fazerem parte da comunidade LGBTQIAP+ ou não, as explicações e dúvidas enquanto um corpo não-binário é recorrente. Dá-se para compreender os momentos em que esse exercício é respeitoso, em uma tentativa de aproximar-se com educação de mim, porém, também é cansativo ter que conviver diariamente com as mesmas perguntas e dúvidas partindo de pessoas diferentes. É como um recorrente exercício de “saída do armário”, como propõe Eve Sedgwick (2007):

Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio,

médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição (SEDGWICK, 2007, p. 22).

Em uma sociedade LGBTQIAPfobia, assumir-se como uma pessoa desobediente de gênero e dissidente sexual é tomar “a consciência de um potencial de sério prejuízo” (SEDGWICK, 2007, p. 39). Existem diferentes possibilidades de agressões, desde a invisibilização até a física. Rafa e Vini são vítimas de agressão, andando pelas ruas de São Paulo, após saírem para se divertir, seu caminho cruza com os de algumas pessoas desconhecidas, que começam a ofender verbalmente e, posteriormente, passam por socos, chutes e pontapés. Enquanto tem seu corpo vitimizado, Rafa ainda escuta uma série de xingamentos lesbofóbico, machista e transfóbico. Para Jota Mombaça (2021) — um corpo travesti, negro e não-binário —, a violência é a ponta final de uma sequência de agressões estimuladas por toda a estrutura social para a compreensão do que é “correto” para a sexualidade e gênero.

Diante da violência, buscando compreender mais sobre as possibilidades afetivas e os abrigos que pode receber, Rafa procura a Casa 1. Ele encontra outras pessoas trans, que conversam sobre suas experiências. Esse é outro momento oportuno para o roteiro manter o seu teor didático, mostrando pedagogicamente como acontece a experiência de um corpo trans e desobediente de gênero em uma sociedade cisheteronormativa. Os momentos em que aparece a Casa 1 na série são poucos, mas é compreensível que o ambiente se torna um espaço seguro para Rafa, no qual ele procura conversar com outras pessoas que questionam a rigidez binária da sociedade. O último capítulo da série, inclusive, termina com um momento após uma reunião do centro de acolhimento. Rafa encontra com Vini, seu primo, e pede para ser chamado pelo pronome masculino, reivindicando-se como um homem trans.

Este momento trouxe-me diferentes afetações. Entendendo o papel didático da série, tanto no sentido proposto por Rosa Maria Fisher e reforçado por Douglas Kellner; como no sentido de um roteiro educativo que a série assume para os seus capítulos, a transição de Rafa pode promover afetações diversas. Em primeiro momento, podemos compreender que o gênero é uma construção subjetiva, que é estimulada pelos seus próprios gostos e interesses. Mesmo que se estimule uma pessoa trans a ter uma vivência como cisgênera — como vemos diariamente na sociedade moderna —, o gênero não consegue ser algo conformado e finalizado. Para uma pessoa que se entende como fora do aspecto cis, essa construção será sempre um espaço de crescimento, experiências e possibilidades.

Por outro lado, Rafa é o primeiro protagonista não-binário de uma série, reivindica esse local desde o primeiro momento em que aparece na trama, explica seus pronomes, seus entendimentos e não dá indícios claros de questionar seu gênero após assumir na não-binariedade. Neste sentido, soa estranho que seu último momento em tela seja abrindo mão desta modalidade, para compreender-se como um homem trans – retornando ao binarismo de gênero. Lembro-me de ter ficado – e assim permaneço – confusa com esse momento, pois para além de não haver indícios claros em relação a esses questionamento interno de Rafa, preocupa-me a possibilidade aberta neste movimento de interpretar que a não-binariedade é um estágio na transição de pessoas trans. De certa maneira, a série faz parecer que a não-binariedade não é uma modalidade de gênero totalmente constituída, abrindo possibilidades para a invisibilização.

Compreendo que a construção de gênero é subjetiva e, em alguns casos, o caminho da não-binariedade e, posteriormente, retorno à uma binariedade trans é totalmente válida e deve ser respeitada. Por outro lado, preocupa-me que a primeira representação televisiva em posto de protagonismo de uma pessoa não-binária, termine de tal forma, pois retorna-se ao cenário de não haver uma protagonista não-binária, de fato, mas sim de uma pessoa binária trans.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como proposta fazer uma reflexão afetiva em torno de personagem Rafa da série “Todxs Nós”. Embora seja elogiável os avanços da comunidade LGBTQIAP+ na disputa de espaços em ambientes de poderes, como é o caso da mídia, torna-se cada vez mais necessário refletirmos sobre como essa representação acontece. Compreender como a não-binariedade é apresentada ao longo dos oito capítulos de “Todxs Nós” me causou diversos momentos de reflexão. A tentativa de não compreender o meu processo subjetivo de gênero como universal atravessou o papel de pesquisadora e, portanto, optei por transcrever esses momentos de reflexão na primeira pessoa. Tendo a compreensão de que a experiência de gênero é pessoal e intransferível, passei a olhar para Rafa de outra forma, da representação e identificação.

É inegável que contar com um protagonismo de uma pessoa não-binária em uma série de produção brasileira é uma avanço no sentido de sermos vistos. Entretanto, é preciso que essa construção tenha não apenas a colaboração de pessoas desobedientes de gênero, mas um papel ativo na construção do roteiro. Além disso, a partir do ineditismo, torna-se importante para a produção compreender que ela estará estabelecendo determinado tom, passando a ser referenciada por

outras pessoas — positiva e negativamente — na construção do entendimento do que é a não-binariedade. Ao declarar-se um homem trans no final da série, fica a questão: esta produção foi, de fato, protagonizada por uma pessoa não-binária ou por uma pessoa binária?

Ao tentar compreender os limites da não-binariedade dentro desta construção televisiva — que esforçou-se em trabalhar a não-binariedade, o pronome neutro e outras experiências dentro deste guarda-chuva —, percebe-se que também há o retorno para a binariedade. Não é uma obediência como a cisnormatividade exige, mas ainda é uma obediência pensada no binarismo: masculino e feminino. Neste sentido, a série mostra, novamente, que os limites para a representação da não-binariedade continua sendo a dualidade entre o que é ser homem e o que é ser mulher, sem dar abertura para outras modalidades de gênero.

REFERÊNCIAS

ASHLEY, Florence. “Trans” is my gender modality. In: ERICKSON-SCHROTH, Laura; BOYLAN, Jennifer. **Trans Bodies, Trans Selves: A resource for the transgender community**. 2 ed, p. 1-2, Oxford University Press, 2022.

BENEVIDES, Bruna G. (Org.) **Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022**. Brasília: Distrito Drag, ANTRA, 2023.

BERNINI, L. Macho e fêmea Deus os criou!? A sabotagem transmodernista do sistema binário sexual. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 5, n. 06, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2326>. Acesso em: 7 jul. 2023.

DOS REIS, N.; PINHO, R. Gêneros não-binários: identidades, expressões e educação. **Reflexão e Ação**, v. 24, n. 1, p. 7-25, 28 abr. 2016.

FILHO, João Freire. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. **Revista FAMECOS**, n. 28, p. 18-29, dezembro de 2005. Porto Alegre. LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

TOMAZETTI, Tainan Pauli. Caminhos para pensar as problemáticas de gênero nas pesquisas em comunicação. In: FILHO, Flavi Ferreira Lisboa; SILVA, Thomas Josue. **Cultura e identidade: subjetividades e minorias sociais**. FACOS-UFSM, p. 184-201. Santa Maria, 2018.

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora LTDA-ME, 2017.

RUIZ, Melissa. Subvirtiendo las fronteras de género: género no binario. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 2, e51610212801, 2021.

SALES, Giulian. O papel pedagógico e educacional de perfis não-binários no Instagram. **e-Com**, v. 15, p. 36-54. Belo Horizonte, 2022.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **A epistemologia do armário**. In: Cadernos Pagu. Tradução de Plínio Dentzien. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, p. 19-54, 2007.